

Perspectivas Teológicas e Pastorais para o NovoMilênio

Jaziel Guerreiro Martins¹

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (1986), Mestre em Artes (Religion and Culture) pela University of Birmingham, Inglaterra (1993), título convalidado no Brasil pela UMESP, e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2005). Atualmente é o diretor-geral das Faculdades Batista do Paraná desde 2007. É o pró-reitor da Pós-Graduação Stricto Sensu. Atua como docente no curso de graduação em Teologia e no Programa de Mestrado em Teologia.

Uma grande preocupação tanto no mundo secular quanto na Igreja, é como enfrentar o século XXI. Uma pergunta que paira no ar é: “Para onde irá a teologia e como há de ser a Igreja no século vindouro? Que tipo de líder será necessário no próximo século? Na verdade, teólogos, líderes e pastores estão muito preocupados com os desafios do novo século tanto para a teologia quanto para a prática pastoral.

Há um ditado inglês que diz: se quisermos conhecer o futuro, precisamos compreender o passado. Necessitamos compreender que a situação atual da igreja resulta do que aconteceu no passado; a Igreja não era e não é isolada do que acontece no mundo. Querendo ou não, há uma interação entre o mundo e a Igreja. Esta influência aquele e por sua vez aquele influência esta. Com o passar do tempo, a Igreja cristã sofreu inúmeras transformações, algumas positivas, mas outras negativas. É mister que façamos uma análise criteriosa para diferenciar os erros dos acertos, ver o que realmente nos vem do Novo Testamento e o que foi nos passado por tradicionalismo religioso, através das várias influências sofridas pelo cristianismo.

62

Não se deve esquecer jamais de que o cristianismo nasceu dentro do judaísmo. Foi um judeu quem criou a religião cristã. Isso nos trouxe uma excelente herança judaica em termos de fé, mas, algumas vezes, costumes e superstições do povo hebreu ainda existente na igreja cristã, em pleno final de século XX. Além disso, os primeiros cristãos eram judeus, seguidores de um homem judeu, que era Deus ao mesmo tempo; eles não eram seguidores de dogmas, filosofias, instituições. Cristianismo era, no começo, uma fé viva; fé em uma pessoa. Tal conceito de fé foi algo inteiramente novo no ambiente histórico religioso daquela época. No ambiente helenista de Jesus não existia nenhuma religião que propagasse uma fé em relação à divindade.

No ambiente judaico, a atitude religiosa básica era a de obediência à Torá. A fé era uma obra entre outras. Com Jesus, a fé surge sempre no encontro individual com a sua pessoa: algo inteiramente novo e inovador. Não é a aceitação de sua doutrina que confere graça, mas a adesão à sua pessoa.

A primeira grande influência sofrida pelo cristianismo foi do povo grego, o qual transformou o cristianismo em filosofia. A Teologia passou a servir - sed a filosofia grega para entender e explicar a fé cristã. Por um lado, a filosofia grega trouxe benefícios importantíssimos para o teólogo.

A própria língua grega foi assaz fundamental, pois é uma língua exata na transmissão de ideias.

A filosofia grega foi importantíssima na defesa da fé cristã através dos apologistas que combatiam os ataques dos gregos pagãos. Nessa batalha concretizou-se a formulação da doutrina da Trindade, a explicação sobre a divindade e a humanidade de Jesus, e a defesa da fé cristã contra heresias surgidas dentro da igreja, como o gnosticismo, ebionismo, docetismo, monarquianismo e outros grupos. Por outro lado, a argumentação filosófica grega trouxe dogmas e ideias estranhas à fé cristã. Pensamentos alheios ao Novo Testamento adentraram no pensamento da Igreja, pois os teólogos eram os filósofos da época e vice-versa. Houve uma junção entre razão e fé, filosofia e teologia, entre o espiritual e o metafísico.

Em suma, a fé viva estava se transformando num racionalismo morto, num dogmatismo morto, numa fé morta. A Igreja em geral se perdeu tanto, com tanto dogmatismo, que ainda não achou o caminho de volta. Cada grupo denominacional tem os seus dogmas, um corpo doutrinal pronto, achando que se pode guardar os dogmas que criaram dentro de uma caixa fechada, onde nada entra e nada pode sair. Tais dogmas se tornaram divinos, absolutos e eternos. Quando qualquer cristão olha apenas com olhos racionais, com a cabeça feita pelo seu grupo religioso, acha que tudo o que crê ou pensa, está na Bíblia. Parte de sua pressuposição teológica ou doutrinária e busca textos na Escritura para embasar seus pontos-de-vista.

Outra influência dos filósofos gregos foi a moral. Entre outras influências sofridas, os cristãos passaram a adotar a moral dos filósofos epicureus. SUSTINE ET ABSTINE: “sofre a dor e abstém-se do prazer”, De acordo com a filosofia dos epicureus, tudo que é prazer é mal; tudo que é dor aperfeiçoa a alma e a mente. Da região inferior surgem tendências contrárias à parte racional, e por isso intrinsecamente más: são as paixões. Cumpre ao sábio extirpá-las a fim de alcançar a impassibilidade absoluta. Com isso surgiram o celibato, o castramento e a abstinência sexual. Os rostos e corpos femininos que assaltavam a imaginação dos monges eram associados ao demônio: a mulher era diabolizada, carnal, que devia ser execrada do espírito. A única mulher que o monge podia vislumbrar era Maria, que morrera Virgem. A fé cristã passou, então, a ser sinônimo de razão e de uma moral asceta. Essas influências passaram

a fazer parte intrínseca do cristianismo e nele estão fortemente inseridos até o dia de hoje.

Já o Império Romano transformou o cristianismo numa instituição. Com a constantinização do Cristianismo, a Igreja passou a ser a religião oficial do Estado. De perseguida passou a ser perseguidora. Houve a influência do Estado e do Imperador nas decisões administrativas. O cargo de bispo começou a se destacar dos demais presbíteros. O bispo tornou-se o verdadeiro representante da Igreja. Bispos de cidades mais importantes tornavam-se cada vez mais importantes, até culminar no pensamento que o bispo de Roma possui autoridade sobre os demais, surgindo então, o poder Papal que perdurou séculos adentro. Em alguns países, o poder episcopal era tão grande na Idade Média, que vários pais compravam esse direito para seus filhos ainda pequenos. A Instituição Igrejatornou-se sobremaneira importante: “Não pode ter Deus por Pai, quem não tiver a Igreja por mãe”; “Não há salvação fora da Igreja Católica”, são alguns exemplos dessa institucionalização. Os bispos políticos passaram a ter mais poder e influência que os bispos teólogos e pastores. A Igreja passou a ser um poder político e econômico muito forte. Enquanto muitos entre a população morriam de fome, a Igreja vivia nababescamente, luxuosamente, pomposamente. O poder político da Igreja cresceu tanto que ela intimidava as pessoas e em nome de Deus, matava inocentes e os inimigos do Evangelho. As Cruzadas e a Santa Inquisição são páginas malditas, deixadas pela Igreja, na história. Como consequência dessa romanização, a Igreja deixou de ser um organismo vivo, passando a ser uma instituição política.

A contribuição do povo europeu foi transformar o cristianismo numa cultura. É o famoso protestantismo do ocidente. Para ser cristão é preciso aceitar o cristianismo juntamente com a cultura ocidental. O modelo para o cristão é ditado por uma cultura individualista, humanista, capitalista e essencialmente colonizadora. Outro detalhe é que, cada cultura protestante, dita o que é pecado e o que não é. Cada grupo tem uma lista do que se pode e do que não se pode fazer. O incrível é que todos justificam fazer uso da Bíblia e juram estar certos. Em muitos grupos essa observância das regras é questão de salvação ou perdição. A salvação passa a ser por obras, pois se alguém fizer determinada coisa, caiu da graça ou perdeu a salvação. É o retorno à observância de regras, ao farisaísmo e ao lega-

lismo dos judeus. O Cristianismo deixa de ser fé viva para ser observância cega às regras e preceitos criados pelos homens.

É necessário que, aqui se faça um comentário sobre a tradição religiosa. Todas as religiões possuem suas tradições. Entretanto, existe uma diferença fundamental entre dois termos: tradição e tradicionalismo. Tradição é a fé viva dos que já morreram. Todos temos tradições: família, pais, religião, etc. As tradições de nossos pais ajudam a entender a nossa fé, e a experiência religiosa de vários séculos evidencia que os tempos podem ser diferentes, mas que Deus é sempre o mesmo. Já o Tradicionalismo e a fé morta dos que vivem. Infelizmente, muitos grupos evangélicos nada têm a ver com a fé viva no Cristo redivivo, mas sim, são um agregado de tradições humanas, embasadas em puras superstições e presas a um determinado contexto cultural, sendo, portanto, totalmente desvinculadas do verdadeiro Evangelho de Cristo.

Outra grande influência vem dos Estados Unidos. O cristianismo norte-americano tem trazido enormes benefícios, não só para a cristandade, mas também para toda a humanidade. Entretanto, por causa de alguns fatores, tais como a teologia da prosperidade, a confissão positiva, e a influência de alguns evangelistas de massa, o evangelho americanizado transformou o cristianismo em negócios. Essa influência se faz sentir no Brasil com muita fertilidade, onde pequenas igrejas transformam-se em grandes negócios. Igrejas surgem repentinamente do nada e se transformam em poderosíssimos grupos econômicos financeiros. Em alguns grupos o “dom da arrecadação” torna-se o dom mais importante. Com isso, aquilo que o protestantismo mais repudiou no catolicismo das indulgências, está fazendo parte de suas próprias fileiras. Vendem-se bênçãos a todo custo e explora-se a boa fé do povo carente e necessitado. Esse tipo de atitude nada tem a ver com a verdadeira mensagem do Reino de Deus. Cristianismo deixou de ser fé viva e passou a ser um “excelente” negócio financeiro.

Qualquer segmento cristão carrega em sua história as influências acima mencionadas. Alguns grupos foram mais influenciados pela filosofia grega e pela institucionalização romana, como a Igreja Católica, por exemplo; outras denominações cristãs, especialmente os protestantes, foram influenciados essencialmente pela cultura europeia; já os evangé-

licos no Brasil foram influenciados em demasia pela cultura protestante europeia, especialmente a anglo-saxônica que nos foi enviada através dos norte-americanos; mas, na atualidade, as seitas emergentes no Brasil estão sendo influenciadas pela teologia da prosperidade e da confissão positiva, oriundas da outra América.

Nesse teólogo, é preciso reconhecer que há crises. A Igreja de Jesus Cristo precisa tomar cuidado com os perigos advindos das crises, mas também abrir os olhos para as oportunidades que estão à nossa frente. Consequentemente, é mister que a igreja acorde de um estado atual de inércia para um novo dia e um novo tempo. Nesse despertar, é mister que examinemos atentamente quem somos, o que fazemos, que igreja tem sido a nossa, que mundo é o que vivemos. Devemos priorizar os elementos que são Fundamentais, necessários e essenciais, e deixar de supervalorizar os elementos que são transitórios, contingentes e acessórios. É necessário conhecer bem o que fazemos, por que fazemos, para que fazemos e como fazemos. Cumpre-nos desenvolver a percepção da atual realidade teológica e eclesial, libertando-nos de determinadas influências malélicas, que tem deteriorado o verdadeiro evangelho de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e escravizado a vida de tanta gente, que se esforça por entrar no Reino de Deus.

O mundo do novo milênio é caracterizado por um crescente processo de secularização, decorrendo daí o colapso das crenças e o banimento da religião da vida pública. Ser religioso é ser inferior, é ser atrasado, é viver no século XX ou quem sabe no XVI. O homem moderno, secularizado, vivendo no século XXI, se torna ridicularizado se é religioso. Outro detalhe é que há um descrédito exacerbado nas instituições e a igreja institucionalizada está cada vez mais sendo desacreditada. A filosofia pós-moderna nega qualquer possibilidade de verdades universais, absolutas e necessárias. Tudo é relativo. Por isso, há um pluralismo ideológico e cultural na sociedade pós-moderna. Uma grave consequência faz-se notar na bioética. A vida humana tornou-se algo relativo, banal: ela pode começar e terminar quando certas pessoas ou grupos desejam ou decidem. Abortamento, clonagem, pena de morte, extermínios de marginais ou grupos ameaçadores, são temas cada vez mais constantes em nosso dia-a-dia.

Em termos de moral da família, as mudanças são drásticas nesse início de milênio: o casamento tornou-se um mero contrato humano,

feito entre duas pessoas, indiferentemente de sexo, e qualquer pessoa pode, a qualquer momento, rompê-lo por qualquer razão. Família é agora, um agrupamento qualquer de pessoas. Os relacionamentos sexuais são inteiramente permissíveis, independentemente do status conjugal das pessoas. Com isso, ressalta-se ainda mais o estilo de vida individualista, narcisista e hedonista, impregnado de tal forma em nossa sociedade que qualquer atitude ou padrão diferente é inteiramente descartado.

A realidade virtual é uma característica *sui generis* de nosso século. Uma pessoa pode fazer compras, obter informações dos mais variados assuntos, namorar e corresponder-se com o mundo externo, através do computador. Essa característica está formando uma geração de pessoas solitárias, que não desenvolvem a sua personalidade social, as quais são pessoas obsessivas pela Internet e que não sabem mais a linha limítrofe entre o real e o virtual. São pessoas frias e sem calor humano; sabem de tudo da Internet, mas não conhecem o calor humano e o verdadeiro amor e companheirismo que pode existir entre duas ou mais pessoas.

Uma característica preponderante nesse início de milênio é a atenuação das fronteiras e o crescente aumento do diálogo. A globalização tem deixado o mundo muito menor e menos distante do vizinho. As nações estão bem mais próximas umas das outras, especialmente depois da queda do muro de Berlim. As diferenças raciais, sociais, religiosas e culturais já não são tão grandes assim; o diálogo e a união de forças é a tônica do momento. A ampliação da liderança da mulher na sociedade, por exemplo, vem provar que aquilo que era impossível há trinta anos já é uma realidade no presente e que, determinados padrões estabelecidos pela sociedade há séculos, estão caindo rapidamente.

Com essa crescente onda de globalização, o indivíduo pós-moderno está passando por uma crise de pertencibilidade, ou seja, ele tem uma grande necessidade de pertencer a um grupo, classe ou alguma coisa semelhante. Isso é evidenciado, ainda mais, com a transição da sociedade industrial e manual para uma sociedade da informação e do conhecimento que se faz de forma rápida e brusca; o homem está sendo isolado, substituído pela máquina e ele está encontrando terríveis dificuldades para se adaptar. Ele, então, tem uma necessidade fundamental de pertencer a algo.

Como resultado dessas tendências em nossa sociedade, a Igreja da virada do milênio apresenta algumas características fundamentais. Ela estará muito mais aberta ou suscetível às mudanças. Isso é muito bom por um lado, pois existem estruturas e tradições humanas que necessitam ser removidas. Por outro lado, a igreja estará cada vez mais ameaçada a abrir mão de princípios basilares da fé. A igreja precisa estar aberta para mudanças de estrutura organizacional, de linguagem e de métodos, mas sem abrir mão de doutrinas e princípios bíblicamente fundados. Precisamos ter a capacidade de distinguir conteúdos e formas, necessário e contingente, princípios e métodos, entre o que é bíblico (doutrinário) e o que é cultural.

Há, também, uma grave crise da Palavra de Deus. Os cristãos creem nas palavras de um pregador carismático e não tem a preocupação de comparar suas mensagens com a Bíblia. A Igreja precisa dar um basta no fanatismo, no emocionalismo que leva as pessoas a um buraco negro espiritual, e ensinar a verdade escriturística. Outro aspecto marcante, na virada do milênio, é a apresentação de muita diversidade e multicolorido nas formas de culto e seu testemunho. Essa influência advém da globalização religiosa que, por sua vez, vem na esteira doutras formas de globalização. Isso tudo fará que a Igreja seja confrontada com o fato de que, fidelidade a Cristo e integridade da vida de seus ministros e sua membresia, constituirão o toque especial de sua relevância e condição de seu impacto no mundo.

Outra característica da Igreja atual é a terrível ameaça que ela sofre pelo crescimento das seitas orientais, das seitas anticristãs e das seitas “evangélicas”. Dentre as práticas da Nova Era, adotadas por vários segmentos cristãos, está a doutrina do poder da mente. Segundo essa doutrina, o crente é visto como um semi-deus, que tudo pode. O cristão passa a se ver como alguém que tem autoridade sobre todas as coisas, que pode ordenar qualquer coisa, e isso acontece exatamente como é usado o pensamento positivo na Nova Era. O evangelho da prosperidade é o exemplo clássico de cristianismo influenciado pelo movimento de Nova Era. Cristãos passam a usar o nome de Deus e de Jesus como se fossem uma fórmula mágica, que realiza e concretiza o que o pensamento positivo construiu e formou.

Outra prática de Nova Era, que influencia a igreja, é a projeção astral: arrebatamentos ao céu e ao inferno, viagens espirituais em naves fabu-

losas, passeios místicos ao mundo celestial e invisível são, em muitos casos, grosseiras imitações da projeção astral ou da “visualização” feita pelos bruxos da Nova Era, trazendo enorme confusão entre os cristãos e ênfase exagerada nesse tipo de experiência, deixando de lado a firmeza na bíblia sagrada, a palavra de Deus. A visualização é um método de sedução, que está conduzindo muitos cristãos para a apostasia. O povo brasileiro é muito inclinado ao misticismo, em parte, devido à influência do espiritismo. Ao surgir literatura evangélica ensinando que é necessário ter visões, sonhos, viagens espirituais ao céu ou ao inferno para a concretização de desejos, o campo torna-se bem fértil para aceitação de heresias pagãs. Não encontramos, em nenhum lugar do Novo Testamento, qualquer ensino que devamos procurar visões e sonhos para concretizar nossos desejos. Esses fenômenos de viagens espaciais ao além têm mais a ver com a seita anticristã newageriana do que com a Bíblia. Vai ser um grande desafio para a Igreja enfrentar essa batalha, mas a Palavra de Deus permanecerá para sempre e as heresias que atingem a igreja serão, por fim, destruídas.

A Igreja do novo milênio precisa voltar ao tempo do Novo Testamento e dos pais eclesiásticos. Naquele período, a força motriz da igreja consistia na missão, a qual era focalizada em alcançar o mundo fora da igreja. A estrutura eclesiástica era simples e centralizada na comunidade local. O clero tinha por função capacitar os leigos e ensinar-lhes a Palavra de Deus. O nível de participação dos membros era elevado e informal. Na Igreja do final do século XX, a força motriz passou a ser a tradição cristalizada de vinte séculos. A missão da Igreja passou a ser focalizada internamente, ou no buscar o que está longe. A estrutura eclesiástica tornou-se complexa, hierarquizou-se e passou a ser centralizada numa burocracia complexa. Os clérigos passaram a ser ministros profissionais enquanto que os chamados “leigos” passaram a ser passivos em sua participação. A igreja passou a ser formal e dividiu-se em denominações. A igreja precisa, pois, voltar ao modelo do passado, contextualizando-se e focando a comunidade local. Um grande passo a ser dado é com relação ao laicato. O leigo deve se tornar ativo, participante direto da vida da Igreja com seus dons e talentos.

O pastor ou a pastora do novo século deve estar em sintonia constante com a cultura que está a sua volta; ele deve sempre fazer uma leitura

crítica do ambiente e saber discutir sobre os diversos ramos do conhecimento. Deve ser uma pessoa flexível, mas que tenha convicções cristas inabaláveis. O líder cristão do novo milênio precisa ser hábil na comunicação, deve relacionar-se muito bem com as pessoas, deve ter a visão de grandes empreendimentos e ter a capacidade de assumir possíveis riscos. Além de ser uma pessoa íntegra e piedosa, deve estar sempre se reciclando, aperfeiçoando sua capacidade pastoral e administrativa.

Sem dúvida, estamos diante do maior desafio já enfrentado pela Igreja. Ela precisa de líderes e teólogos de visão para a grande virada do milênio. Precisamos de líderes que sejam segundo o coração de Deus, imbuídos das armas espirituais e de coragem para destruir o tradicionalismo ferrenho em que a Igreja está imersa e, ao mesmo tempo, abrir espaço entre as densas nuvens do pós-modernismo que permeiam o novo milênio. Abençoe-nos o divino Pai para que exerçamos a nossa missão com eficiência e eficácia.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AZEVEDO, I. P. Igrejas e líderes evangélicos às vésperas do século XXI. Atibaia: Palavra da Vida, 1998.

FORD, D. F. The modern Theologians. Oxford: Blackwell, 1993. Vol. I e II.

GRENZ, S. Pós-modernismo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

MELINSKY, M. H. The shape of the ministry. Norwich: Canterbury Press, 1992.

ROMEIRO, P. Evangélicos em crise. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

SFIAEFFER, F. A. A igreja no ano 2001. Goiânia: APLIC, 1995. WATKINS, W. D. The new absolutes. Minneapolis: Bethany, 1996. ■